

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 27 de fevereiro de 2013**

*Texto de referência: “Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?”. Exercícios dos Universitários de Comunhão e Libertação, supl. Passos Jan/fevereiro 2013.*

- *Ballata dell'uomo vecchio*
- *Quando uno ha il cuore buono*

*Glória*

**Carrón:** Tínhamos deixado como proposta de trabalho a segunda parte dos Exercícios do CLU, mas não foi apenas isso que determinou este mês. De fato, também sugerimos participar do período eleitoral. E, depois, aconteceu um fato imprevisto: a renúncia do Papa. Parecem-me fatos que, cada um a seu modo, provocam a nossa pessoa e a nossa vida. Vejamos, depois de tudo o que aconteceu, qual o caminho que cada um fez ou está fazendo, o que descobriu, de que modo tudo o que estamos vivendo nos faz crescer, nos faz amadurecer.

**Colocação:** *Quando recebi a notícia da renúncia do Papa estava na Venezuela e prestes a voltar para casa [na Itália]. Aquilo que você escreveu em La Repubblica me tocou muito: você disse que o mundo todo ficou sem ar por um minuto, em silêncio. Pouco depois, precisei tomar o avião e, no aeroporto, fui interrogado pelos guardas, que usaram toda a sua autoridade, fazendo-me abrir as malas três vezes, perguntando o que eu estava fazendo lá, desde quando estava no país. A certo ponto, me olharam e disseram: “É verdade que o Papa se demitiu?”. E, em seguida: “Como se faz para se tornar Papa?”, eles, que sequer sabiam o nome do Papa! Então é verdade, realmente atingiu a todos. Mas, depois daquela carta que você escreveu, percebi uma coisa: que só uma pessoa tinha se dado conta de estar cheia de estupor. Todos ficamos pasmos, todos sabemos o que estávamos fazendo no instante em que recebemos a notícia, todos, mas a novidade foi dar-se conta de estar cheio de estupor. Quando você escreveu isso, fazendo-nos perceber que estávamos maravilhados, deu-nos o critério para podermos estar diante do mundo inteiro, que tentava dar uma explicação, inclusive nós. Quer dizer, a experiência reconhecida tornou-me capaz de julgar. Se, ao contrário, eu não me dou conta da experiência que faço, do contragolpe humano, então não possuo o critério e também parto da minha opinião: eu gosto do Papa e, então, a explicação é... etc, etc. Mas, o primeiro passo já foi saltado, o critério é uma opinião, não é uma experiência irreduzível, tanto é verdade que se certas tomadas de posição não explicam a experiência que fiz, eu não as aceito como explicação. De fato, continuando a descrição dos seus passos, você introduziu a hipótese de que somente o relacionamento do Papa com Jesus pode tornar aquele homem tão livre e disse: “Então, fui obrigado a mover o olhar para aquilo que o tornava possível: quem és Tu, que fascinas um homem a ponto de torná-lo tão livre?”. Então, este “obrigado” me tocou, porque é exatamente a descrição da razão que aceita o caminho até chegar, do sinal, daquilo que me aconteceu como experiência, à única explicação, ao significado, isto é, a dizer Tu a Cristo. Quem és Tu que tornas isso possível?*

**Carrón:** Isto é, você quer dizer que se a pessoa não se dá conta do primeiro contragolpe...

**Colocação:** *Torna-se ideológica logo depois, no sentido de que não tem nas mãos o critério com o qual desafiar o mundo e, portanto, não tem uma explicação para dar, porque ela é parte daquele mundo que exprime apenas uma opinião.*

**Carrón:** Depois voltaremos a falar sobre isso, mas a meu ver, você está demonstrando um ponto fundamental de um caminho humano, porque todos se maravilham com a beleza das montanhas, mas nem todos fazem o percurso até o “eu-sou-Tu-que-me-fazes” do capítulo 10 de *O senso religioso* (para dar um exemplo que nos é familiar). E, portanto, se nós não nos damos conta do que está dentro do contragolpe, perdemos o melhor daquilo que acontece, porque a maior parte das reações ou o desânimo ou a confusão ou a falta de coragem que a pessoa prova – cada um pode

pensar no sentimento que experimentou – é consequência de não ter percebido na realidade aquilo que existe; e, então, como todos, ficamos à mercê das opiniões, porque não existem mais os fatos, mas apenas interpretações. E muito do desânimo que vimos de modo evidente também durante as eleições, tem a mesma origem. Não é que reagimos de um modo em relação às eleições e de outro em relação ao Papa: é o mesmo contragolpe e, muitas vezes, a mesma dificuldade. Assim como reduzimos o gesto do Papa, também reduzimos aquilo que torna possível termos clareza sobre as eleições. Espero que cada um tenha feito o percurso e tenha podido reconhecer isso. Por isso, é interessante ver como a dificuldade de entender a questão da espera (nos Exercícios do CLU) nos torna, muitas vezes, incapazes de ler a realidade de modo verdadeiro, porque muitas vezes não somos capazes de nos deixar tocar por aquilo que existe. Leio algumas das cartas que vocês me enviaram. “Li que ‘a comunidade é lugar da continuidade do acontecimento de Cristo e se você foge dessa aparente casualidade de relacionamentos perde não as relações, mas aquilo que o impressionou nesses relacionamentos’. É verdade, eu poderia abdicar de qualquer coisa na vida, exceto o fato de que Cristo está comigo, exceto saber que sou desejada agora por Ele. No tempo, experimentei que é impossível se satisfazer com um belo encontro com as pessoas, pois acordo desiludida na manhã seguinte, porque a companhia de Jesus é a única que pode chegar até o fundo da falta que sinto. Porém, normalmente, olho em volta e tenho dificuldade de perceber em alguém uma saudade como a que eu sinto. Um tempo atrás, eu a disfarçava fazendo coisas, mas agora não consigo mais, e nem quero, porque experimentei, e experimento, que a minha salvação é o Seu grande amor por mim. No entanto, muitas vezes me parece que várias pessoas em minha volta são céticas em relação a isso. Isto é: tudo bem sentir desejo, mas no fundo precisam ter certeza de que são competentes, militantes de CL cheias de entusiasmo que possuem todas as respostas e chegam, às vezes, a julgar negativamente aqueles que fazem um caminho mais longo e tortuoso. Tenho essa clara sensação, e às vezes sou levada a pensar que eu, por sentir essa falta que me faz implorar, talvez não tenha entendido algo [pensamos que somos nós que erramos quando sentimos isso]. É como se corresse o risco de ter uma postura individualista. No entanto, sinceramente, nunca me senti tendo um relacionamento tão afetoso com a realidade como agora e, quando leio ou escuto o que você diz, descrevendo meu estado de espírito em cada detalhe, reconheço de novo que sou aquele grito e não quero algo que simplesmente feche a ferida”. Se, como dizíamos antes, falando das eleições, nós não partimos dessa necessidade, dessa espera, dessa pergunta aberta, sequer podemos perceber o alcance da resposta, e não temos interesse de nos envolvermos com a realidade para encontrá-la. O que acontece? O pertencer à Igreja e ao Movimento se torna um fato paralelo, como diz outra pessoa: “A inquietude e o desejo são, em muitas ocasiões, uma experiência dolorosa. O desejo de um significado é um substrato silencioso da vida cotidiana, que eu tento calar porque, para mim, é algo desesperador. Por isso, não sei como você faz para dizer: o fato que eu espere grita que existe um Outro que está me chamando, que está me prometendo algo na própria estrutura do meu eu [esta é a dificuldade: perceber nos fatos todo o alcance que têm, perceber que para explicar o gesto do Papa é preciso reconhecer a contemporaneidade de Cristo, perceber que para reconhecer a espera é preciso reconhecer Aquele que a desperta em mim constantemente]. O pertencer ao Movimento torna-se um fato paralelo em relação a essa pergunta, que me dá também a perspectiva de toda a minha solidão. Desculpe a franqueza, mas sua posição diante da realidade é tão leal, que é a única coisa que posso fazer. Muitas vezes penso que por causa dessa situação que acabei de descrever, seria melhor eu ir embora do Movimento [por isso muitas pessoas vão embora da Igreja]. Queria também esclarecer que não tenho verdadeiros motivos para me desesperar, ao contrário, tenho muitos para ser feliz: tenho um marido, filhos a quem amo, um trabalho e a estima de muitos colegas. No entanto, tenho dentro de mim uma dor insistente, um desejo irrealizável por sua própria natureza, e não entendo porque preciso me consumir por dentro, não entendo sobretudo porque um ato de fé não consegue aplacar essa dor. Então, para que serve a fé em Deus, se o desejo de algo infinito continua a nos atormentar? Como você disse no último encontro: ‘Se não nos damos conta disso, nós esvaziamos a espera do Mistério e, depois, tentamos ver como nós resolvemos a questão’, isto é, o pertencer ao Movimento pode ser uma escolha para resolvermos nós a questão, fazendo calar a pergunta. Essa é uma postura violenta que esmaga a minha verdadeira humanidade.

Agradeço se você puder me responder”. Se alguém cala essa espera e não se dá conta de que ela, como explicamos durante os Exercícios do CLU, é o sinal mais evidente d’Ele, “esmaga” a sua humanidade. Por que temos dificuldade em reconhecer na saudade, na espera, nessa inquietude, a presença do Outro, a presença do Mistério? Por quê? Porque não nos damos conta do que seria uma vida com o “encefalograma plano”, isto é, uma vida em que eu não deseje, em que eu seja inerte no relacionamento com a realidade. Entendo que alguém queira fugir disso, e por isso fica difícil compreender, depois, quando dizemos que Cristo não veio para sufocar o desejo do homem, mas para despertá-lo. E o fato de despertá-lo, portanto de nos tornar cada vez mais desejosos d’Ele, é uma desgraça ou um bem? Para responder, cada um deve olhar para si mesmo e ver o que acontece na própria vida, porque senão nós pensamos que o que resolve são as nossas energias ou os nossos projetos, ou as nossas tentativas. Ao contrário, como vimos nestes dias, testemunhado “grandiosamente” pelo Papa, há fatos que negam, com a própria presença, qualquer tentativa de ver a fé como algo, em última instância, ineficaz na solução dos problemas da vida. Ao contrário, o que acontece quando vemos alguém como Bento XVI, que nos testemunha a resposta, como muitos viram hoje em Roma? Temos diante de nós uma presença na qual podemos tocar com a mão o que é Cristo, que torna possível a fé. Realizando esse gesto que testemunha Cristo, nos deu um presente inesperado, misterioso, para tornar possível também para nós o gesto da fé, isto é, o reconhecimento de Cristo presente. Somente diante de uma presença assim é possível ser capaz de olhar todo o limite, toda a dificuldade de abraçar verdadeiramente a si mesmo; porque sem a presença contemporânea de Cristo, a pessoa não pode amar verdadeiramente a si mesma. Por isso, é preciso essa contemporaneidade. Ao mesmo tempo, sem o grito da espera podemos reduzir Cristo a um fato paralelo, sem incidência na nossa vida.

**Colocação:** *Recentemente aconteceu um fato que substancialmente predominou na minha vida sobre todas as coisas que estão acontecendo neste período. Digamos que foi um pouco – se me permite o termo – um golpe de sorte, porque atraiu completamente a minha atenção. Fui transferido para outra cidade, e lá não havia uma comunidade do Movimento. Há cerca de um mês, conversando com uma pessoa – a mesma conversa que podemos ter com qualquer pessoa –, sobre sua inquietude crescente, respondi dando a ela um livreto dos Exercícios do CLU: “Você vai encontrar o motivo da sua inquietação aqui dentro”. No dia seguinte, nos encontramos e ela me disse: “Nunca tinha ouvido algo assim”. A partir daquele momento, nasceu com essa pessoa uma amizade profunda, teceu-se e tornou-se viva uma trama de relacionamentos. Está nascendo uma comunidade em um lugar onde, até um mês atrás, eu estava sozinho. Isso me surpreendeu, porque fui completamente tomado por este fato que chamo de “encontro”, é como se todo o resto me preocupasse menos. Então, o que disse a mim mesmo? A primeira coisa foi: como é potente minha pequena liberdade, porque aquela noite parecia a enésima conversa que eu mantinha com um certo preconceito (imagina se pode acontecer alguma coisa!). E, no entanto, descubro que aquela luz que eu vi na primeira conversa, vi na segunda e na enésima vez, e ainda a vejo agora. Este fato que se tornou predominante, me faz experimentar que Cristo é verdadeiramente uma presença, que as coisas no mundo são ajustadas por Ele, que é Ele o protagonista, e que meu cristianismo (se posso dizer assim) é um dom Seu, é um dom Seu a mim. Para mim, foi uma verificação não racional, mas com a concretude da minha pequena liberdade e da deles, de como, dentro da decadência do mundo, renasce um povo. Foi preciso apenas que eu dissesse “sim”, mas não um sim mental, um sim banal diante de uma inquietude. Eu apenas lhe disse: “A sua inquietude é a mesma que a minha”. Fico comovido porque isso me leva a dizer que não importa o que aconteça, Ele vai arrumar as coisas.*

**Carrón:** E por que você acha que o texto teve esse impacto sobre ele a ponto de ele tê-lo devorado?

**Colocação:** *Porque evidentemente as coisas são como estão escritas lá.*

**Carrón:** Por causa daquilo que você dizia, isto é, por causa de uma espera que encontrou uma resposta. Isso me impressiona, também pensando na carta que li há pouco, porque diante do mesmo fato a pessoa encontra algo absolutamente novo a ponto de gerar toda a vida, de devorar o texto e começar algo novo, chegando a nascer uma comunidade em um lugar onde não teríamos imaginado.

E, porque você não acha que é você que a gera, não consegue dar outra explicação a isso a não ser a presença de Cristo. E isso, em meio à decadência, é a origem de um povo, é exatamente assim. Depois do que vimos nas eleições, para poder entender qual é a nossa contribuição precisamos recomeçar dali, reconhecendo que o primeiro ponto da Nota de CL não é algo jogado ao vento, mas é o ponto de esperança: que a comunidade cristã exista e comece, segundo um desígnio que não é o nosso, a partir do pequeno “sim” de cada um, do pequeno movimento da liberdade de cada um, a gerar novamente um povo. Que as pessoas votem “com a barriga”, diz até que ponto o povo está em pedaços. Dá para entender?

**Colocação:** *Sim.*

**Carrón:** Agradeço a você, porque não devemos separar as coisas: de um lado isto, do outro as eleições e do outro, o Papa. O que une tudo isso? Alguém me escreve: “Entendi melhor a mudança que o trabalho sobre a Nota de CL provocou, não tanto sobre o período eleitoral enquanto tal, mas sobre o resto, na última viagem que fiz para o Irã, para onde vou normalmente a trabalho. A frase do documento, que diz que “o primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã é a sua própria existência”, sempre a vivi como o fato de que devia de algum modo defender ou promover a existência de alguma coisa. Quando me vejo (pela enésima vez) em Teerã por uma semana, não é que há muito para pensar em defender ou promover. Estou sozinho lá, não é que é possível exprimir ou defender alguma coisa, sequer há uma companhia na qual eu possa tentar me refugiar. Sempre vivi isso como uma derrota, e ficava esperando uma possível oportunidade de falar sobre a minha ideia católica em alguma conversa (há pessoas dos países de língua inglesa que não desprezam discussões religiosas) no fundo, como para plantar uma pequena bandeira entre as outras cem bandeirinhas. De fato, em alguns momentos é possível defender a sua. Na maioria das vezes, fico esperando o momento de voltar para casa para retomar a vida. O que me surpreendeu desta vez foi uma percepção inicial, mas evidente, de que a comunidade cristã viva sou eu, consciente disso, mesmo sozinho no meio do Irã [isto é, o protagonista é um eu que tem essa consciência]. E não há alternativa, porque a vida e o desejo de tudo não podem ser suspensos durante uma viagem. Isso não me deixa tranquilo, porque é um fato evidente que Jesus desceu do avião em Teerã comigo (que sou nada e cheio de falhas). Depois, eu poderia dizer algo ou não, mas o dado objetivo é que a incidência foi a minha consciência de ser a comunidade cristã. O início foi frio e formal, como sempre. O Irã é um país onde o laicismo cético é dominante, depois, a renúncia do Papa e a curiosidade que isso suscitou nos meus interlocutores foi uma graça pela qual foi possível que eu falasse da minha estima por aquele homem e do por quê um engenheiro ocidental, hábil no seu trabalho e no uso pleno da razão e de sua capacidade de análise, pode ser seriamente e razoavelmente católico. Isto foi um “a mais”, porque também poderia não ter acontecido, mas já que aconteceu, eu me fiz presente. Em síntese, comeci a entender que toda a questão, mesmo política e social, se joga na consciência do meu eu. Se eu não existo, não há nada – nem as melhores e mais justas batalhas sobre os valores e sobre a Igreja – que possa preservar a ordem do mundo, onde é normal comer três vezes ao dia e onde ser cristão não significa risco de vida. Se eu não existo, nem a batalha mais justa e empenhada pode construir, nem levar a nada”. E, depois, se a partir deste eu o Mistério faz nascer a comunidade, melhor ainda! Mas isso não depende de nós, dependerá de como Ele usa esse nosso pequeno gesto de liberdade que se chama “fé” para gerar algo de outro. É decisivo que nós entendamos isso no fim desse período eleitoral.

Alguns textos de Dom Giussani nos ajudam a entender a situação em que nos encontramos e que o resultado eleitoral evidencia ainda mais. Durante esse período propomos um trabalho que era, muito simplesmente, levar a sério a necessidade de ter clareza das coisas, começando pelo dado mais relevante que temos, que é a comunidade cristã, de buscar a pertinência da nossa fé dentro das exigências da vida, porque se não percebemos isso acabamos por nos perguntar para quê serve a fé. Em que isso pode ser visto? No modo com o qual cada um viveu este período. Estamos no final dele e cada um pode ver que caminho fez. Nesta noite emergiu claramente, pelo menos como um início, que tudo se joga no primeiro contragolpe em relação à realidade, às eleições, ao Papa, à pessoa que tenho diante de mim, ao trabalho, à espera, isto é, em relação à vida. Se cada um de nós não leva a sério o dado do real e se isso não se torna o ponto de partida, já somos “modernos”, já somos, no

fundo, ideológicos. Explicando a origem da situação que vivemos agora, Dom Giussani diz que nossa postura de homens modernos diante da realidade carece de problematidade verdadeira. E o descreve assim em *Por que a Igreja?*: “A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência gerando nela problemas em variada medida [suscitam problemas: as eleições, a vida, o Papa, aquilo que acontece]. O problema é a expressão dinâmica de uma reação diante dos encontros que provocam [diante daquilo que acontece]. E o significado da vida – ou das coisas mais pertinentes e importantes da vida [que depois dirá que são a cultura, o amor, a política e o trabalho] – é uma meta possível somente para quem está empenhado na problemática total da própria vida [não é que cada um pode resolver com palavras, revela-se apenas para quem se empenha com a própria vida!]. O surgimento do problema [a primeira etapa, o primeiro início disso] implica [que eu surpreenda no relacionamento com a realidade] o nascimento de um interesse, despertando uma curiosidade intelectual” que coloca em movimento o dinamismo do meu eu para buscar um significado (em quem votar, como enfrentar a vida, como responder à espera). Sem isso, o objeto que queremos conhecer permanece estranho e nós nos tornamos confusos. Então, o que acontece? Se não surge em nós esse interesse, a ponto de mover a totalidade do eu, começamos a nos fragmentar pelo caminho, começa – diz Giussani – o processo da desarticulação do eu e da sociedade: “A origem do enfraquecimento de uma mentalidade orgânica [...] está [gostaria de parar aqui e desafiar todos a dizer onde está...] em uma possibilidade permanente da alma humana, em uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”. Se o colocar-se do problema não suscita um interesse que coloque em movimento todo o meu eu, o significado da vida, para mim, torna-se inalcançável, e ficamos fragmentados, como muitas vezes nos acontece. Então, o que favorece o início disso? O que favorece isso? Qual é o papel da comunidade cristã em relação a isso? Como nos ajuda? Poderia fazer como muitos fazem com os filhos, que se substituem a eles. Mas olhem o que Dom Giussani diz: “Se a Igreja proclamasse como seu objetivo o de apresentar as soluções para o esforço humano de promoção, de expressão, de busca [isto é, se tirasse esse caminho que nos foi dado fazer], faria [...] como aqueles pais que têm a ilusão de resolver os problemas dos filhos substituindo-se a eles”. Quando, diante dos desafios da vida, pedimos que o Movimento os resolva (dando-nos, por exemplo, uma indicação de voto), nos iludimos pensando que resolvemos o problema fazendo-nos substituir por alguém. Mas a Igreja não como objetivo isto: “A Igreja, portanto, não tem como tarefa direta fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo do seu caminho [se vocês buscam soluções prontas, vão a outro lugar!]. A função que ela declara ser sua na história é [paradoxalmente, parece nada] a educação ao senso religioso da humanidade [isto é, despertar a espera, despertar a consciência da necessidade que temos, ponto de partida daqueles cinco pontos que citamos na última vez, porque isso implica] o chamado a uma postura certa do homem diante do real. [Chamar a atenção a isso, educar a isso é a maior contribuição que a Igreja pode dar porque coloca a pessoa, cada um de nós na] melhor condição para encontrar respostas mais adequadas para essas interrogações [que a vida nos coloca. Porque] a série dos problemas humanos não poderia ser subtraída à liberdade e à criatividade do homem, quase como se a Igreja tivesse de lhe dar uma solução já confeccionada [tal e qual!], porque deste modo ela deixaria a sua originária postura educativa e tiraria o valor [do] tempo”. E Giussani dá um exemplo que todos lembramos, porque a nossa tentação também era a tentação dos tempos de Jesus, como demonstra o episódio dos dois irmãos que pedem a Jesus que resolva o problema da herança. “*Mestre, dize a meu irmão que reparta a herança comigo*. Jesus respondeu: *Homem, quem me encarregou de julgar ou de dividir vossos bens?* [Jesus não aceita o papel que querem lhe dar]. E disse-lhes: *Atenção! Tomai cuidado contra todo tipo de ganância, porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a vida de um homem não consiste na abundância de bens*”. E Giussani comenta: “Não devia ser incomum que alguém se referisse a Jesus, como muitas vezes se fazia com aqueles que eram reconhecidos mestres, para resolver litígios e controvérsias. Como é instintivo [e como sabemos disso] no homem pensar ter encontrado a fonte da solução dos problemas [como é atual]! Jesus logo afasta este equívoco e, justamente Ele, que mais de uma vez se manifestara juiz cheio de autoridade [...] faz questão de declarar que não Lhe cabe arbitrar em tal questão. Com certeza, o seu interlocutor deve ter ficado

desconcertado [como muitos entre nós pela ausência de indicação de voto], e Jesus não deixa de realizar logo aquilo que, ao contrário, cabe a Ele fazer”. E o que cabe a Jesus fazer? Vocês acham que se tivesse lhes dado a resposta, teriam parado de brigar? Teriam recomeçado! Basta ler a literatura rabínica: não é que Deus não tenha falado, mas os rabinos começaram a discutir entre eles sobre a interpretação, fazendo com que a própria palavra de Deus se tornasse uma das opiniões em pauta no conflito das interpretações. O que Jesus diz? “Cristo, assim como a Igreja – sua continuação –, não veio para resolver os problemas da justiça [neste caso], mas para colocar no coração do homem aquela condição sem a qual a justiça deste mundo poderia ter a mesma raiz da injustiça”. De fato, muitas vezes, se não recebemos uma solução concreta pronta, nos parece muito pouco. E Giussani parece que lê nosso pensamento, e na linha seguinte diz: “Não é, todavia, igual a zero a função de Cristo e da Igreja no que diz respeito aos problemas dos homens. [...] Não é a fórmula mágica para evitar mecanicamente tais delitos, mas é [o único] fundamento para que a solução seja mais facilmente humana”. Isto é: somente a Igreja nos testemunha, nos chama e desperta em nós continuamente, com Cristo, o senso religioso, nos coloca nas condições certas para enfrentar as questões da vida, os problemas da vida. Muitas vezes nós pensamos que Cristo não veio para suscitar este senso religioso, este senso do Mistério, este senso da nossa necessidade, mas para reduzi-lo com uma solução pré-confeccionada. Mas isso não seria Cristo e, com o tempo, não nos interessaria mais. Por isso, agora cada um de nós pode verificar, no fim do percurso, que caminho fez, se a partir do primeiro contragolpe suscitado pelas eleições empenhou-se inteiramente. Pode ver o que aconteceu naqueles que se empenharam, e o que aconteceu com aqueles que não se empenharam. E pode julgar em que medida o caminho feito suscitou as pessoas e nossas comunidades, porque o testemunho que acabamos de ouvir é o sinal de como uma pequena liberdade que se move é capaz de gerar. Acho que se nós, em primeiro lugar, não começamos a percorrer esse caminho, isto é, se a comunidade cristã não é capaz de fazer surgir sujeitos assim, podemos acabar como a terça parte do eleitorado italiano. Não seremos muito diferentes, se pensarmos em nos pouparmos desse trabalho. Por isso, se sugerimos desde o início usar estas semanas para verificar a pertinência da fé em relação às exigências da vida, no fim desse percurso podemos dizer a nós mesmos (como trabalho pessoal ou das diversas comunidades) o que aconteceu. Somente se aceitamos passar do contragolpe inicial ao empenho que isso implica – com a ajuda da Igreja que constantemente nos coloca na condição certa para estar diante da realidade –, podemos gerar um sujeito capaz de estar à altura das circunstâncias e dos desafios que precisamos enfrentar.

#### **AVISOS:**

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de março, às 21h30.

Depois de ter terminado o trabalho sobre os Exercícios do CLU, retomaremos *Na origem da pretensão cristã*, sétimo capítulo: “A declaração explícita”.

Lembro que está ativo o e-mail para o qual vocês podem enviar perguntas e breves colocações sobre o capítulo a ser trabalhado. Recomendo que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade. O endereço é [sdccarron@comunioneliberazione.org](mailto:sdccarron@comunioneliberazione.org).

Saiu o **Cartaz de Páscoa**: a imagem é o baixo relevo de um claustro românico, com Cristo e os peregrinos de Emaús. Os dois textos são do Papa e de Dom Giussani. Como este é o *Ano da Fé*, quisemos chamar a atenção para o que é a fé.

Bento XVI diz: “A história de Jesus de Nazaré não pode ser limitada a um passado longínquo, mas é decisiva para a nossa fé hoje. Que significa afirmar que Jesus de Nazaré, que viveu entre a Galileia e a Judeia há dois mil anos, é “contemporâneo” de cada homem e mulher que vive hoje e em todos os tempos? Jesus entrou para sempre na história humana e continua a viver nela, com a sua beleza e poder, naquele corpo frágil e sempre necessitado de purificação, mas também infinitamente cheio do amor divino, que é a Igreja, na qual Ele está presente com a sua paixão, morte e ressurreição. É este o motivo que torna a Igreja contemporânea a cada homem, capaz de abraçar todos os homens e todas as épocas”. O Papa não apenas nos comunica o conteúdo da fé, mas nos

testemunhou isso “grandiosamente” nas últimas semanas, e por último hoje, como muitos viram, porque o gesto realizado e tudo o que vimos na sua pessoa é a documentação de que estas não são apenas palavras e que só a contemporaneidade de Cristo torna possível um homem assim. Qualquer que seja a dificuldade que alguém possa atravessar em certos momentos, ninguém pode tirar da história aquilo que vimos nestes dias. Isso quer dizer que Bento XVI pode se retirar, porque nos deu o melhor que poderia nos dar: tornar Cristo presente não apenas no último sopro de vida, mas quando ainda tem toda a lucidez, toda a consciência do que quer dizer Cristo, não como um fato do passado, mas como contemporâneo. E isso, não porque ele acrescenta palavras, mas porque sem que fosse contemporâneo a nós não teríamos podido ver aquilo que vimos e que estamos vendo nele.

O texto de Giussani é este: “O fato da Encarnação, a inconcebível pretensão cristã, permaneceu na história em sua substancial integralidade: um homem que é Deus – que, portanto, conhece o homem e a quem o homem deve seguir para ter o verdadeiro conhecimento de si mesmo e das coisas –. A experiência inicial daqueles que viveram com Jesus e O seguiram, transmitida pelos Evangelhos, possui um significado inequívoco: o homem não foi abandonado pelo destino. O cristianismo é um acontecimento que foi anunciado nos séculos e nos alcança ainda hoje. O verdadeiro problema é que o homem o reconheça com amor”.

Os Exercícios da Fraternidade (e o dos adultos e Jovens Trabalhadores que acontecerão 15 dias depois) são um momento privilegiado para retomar consciência, levar a sério a si mesmos, ser sérios com as exigências do coração, que foram despertadas em nós no encontro com o carisma de Dom Giussani. Sozinhos, não podemos ter clareza do destino e muito menos alcançá-lo, não podemos ter consciência do caminho ao destino sem Alguém conosco. Por isso, vamos aos Exercícios com o desejo de conhecer e viver o encontro que nos introduziu a perspectiva do Destino, isto é, que O revela. Não é uma coisa óbvia poder participar deles, mas é uma graça. As inscrições [para a Itália] encerram-se no dia 18 de março de 2013.

O livro do mês [para a Itália] para março-abril é *I passi della fede. Conversazioni domenicali (Os passos da fé. Conversas dominicais)*, de A. Šmeman, Editora La casa di Matrona. Trata-se de uma coletânea de homilias radiofônicas do teólogo e padre ortodoxo russo Aleksandr Šmeman (grande amigo de Solženicyn). Propomos este livro como “encontro” com uma grande testemunha da fé.

Fazemos nosso, neste tempo, o convite que ainda hoje nos fez o Papa para continuarmos a rezar, como disse, “por mim, pela Igreja e pelo futuro Papa”, pelos cardeais que devem elegê-lo, porque realmente nos preocupamos com o bem da Igreja e da fé. Começemos logo a fazê-lo, a rezar para que o Senhor nos dê um pastor que nos apoie na fé.

*Veni Sancte Spiritus.*